

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA
EDUCAÇÃO BÁSICA

Saionara Walkíria Gomes Heringer

**NA SALA DE CASA E NA SALA DE AULA:
UMA PROPOSTA DE INCENTIVO À LEITURA**

Belo Horizonte
2010

Saionara Walkíria Gomes Heringer

**NA SALA DE CASA E NA SALA DE AULA:
UMA PROPOSTA DE INCENTIVO À LEITURA**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Alfabetização e Letramento, pelo Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação/Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Professor Gilcinei Teodoro
Carvalho

Belo Horizonte

2010

Saionara Walkíria Gomes Heringer

NA SALA DE CASA E NA SALA DE AULA

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Alfabetização e Letramento, pelo Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação/Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Professor Gilcinei Teodoro Carvalho

Aprovado em 11 de dezembro de 2010.

BANCA EXAMINADORA

Gilcinei Teodoro Carvalho – Faculdade de Educação da UFMG

Clenice Griffo - Centro Pedagógico da UFMG

RESUMO

Visando a compreensão da finalidade da leitura e incentivando a ler, tanto em casa como na escola foi feito um trabalho de leitura, reconto oral e registro através de desenhos, gravuras ou frases, com a ajuda da família.

As crianças escolhiam os livros, levavam para casa, os pais liam para elas várias vezes. No dia determinado a história era recontada aos colegas.

Esse trabalho, embora simples, evidenciou que, na prática, não é fácil formar hábitos de leitura e, mais difícil ainda é tentar transformar cidadãos em leitores competentes. No entanto, pudemos também comprovar que não é necessário dispor de meios sofisticados ou de tecnologias avançadas para que as crianças aprendam a gostar de ouvir histórias, aprendam a gostar de livros e queiram ir a uma biblioteca pegar um livro emprestado.

Palavras-chave: Leitura, crianças, literatura, leitor, ouvinte, professor, estímulo, família, escola.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. O PROJETO	8
3. CONSIDERAÇÕES SOBRE LITERATURA E ALFABETIZAÇÃO	9
4. APRESENTAÇÃO: RECONTO DAS HISTÓRIAS	11
5. CONCLUSÃO	13
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	14

1. INTRODUÇÃO

O projeto “Na sala de casa e na sala de aula: uma proposta de incentivo à leitura, foi desenvolvido numa turma de crianças de 6/7 anos, 1º ano/1º ciclo da E. M. Mário Mourão Filho.

A escola está situada no bairro Céu Azul, em Belo Horizonte.

Possui 650 alunos divididos em 2 turnos.

A comunidade onde a escola está inserida é carente, onde a maior parte das famílias tem baixo poder aquisitivo.

A turma é composta de 8 meninas e 17 meninos. As crianças são bem agitadas principalmente os meninos.

Algumas dessas crianças passam boa parte do seu dia sendo cuidadas por pessoas que não são os pais.

Os pais, em sua maioria se preocupam com a vida escolar de seu/sua filho/filha.

Cada família auxiliou na realização do projeto lendo com as crianças os livros que iam para casa e ajudando no registro sobre a história. É claro que algumas não fizeram o que foi pedido, mas isso não impediu o andamento do trabalho. Também responderam um questionário para que fosse observado o grau de interesse e hábitos de leitura.

Essa proposta de trabalho é como o próprio nome já diz: incentivar a leitura dentro e fora da escola, envolvendo a família nesse processo de ler/aprender a ler/gostar de ler.

O que pretendemos não é avaliar quem sabe ler ou não, quem tem fluência ou lê com entonação. A abordagem desse trabalho é de leitura reflexiva, compreensão, interpretação.

Queremos que uma criança pegue um livro com entusiasmo, e penso que esse é o desejo da maioria dos professores, sem aquela pressão de ter que ler. Trabalhar na formação de pequenos leitores, leitores competentes, que adquiriram o gosto por essa atividade tão importante e que norteia a sua vida dentro e fora da escola.

Pretendemos que as crianças se interessem mais por livros e que os procurem naturalmente. Ler, não é só para fazer uma prova ou qualquer outra avaliação. Ler não é só para fazer um trabalho.

Após ter relatado um pouco sobre a escola, as famílias, as crianças e nossos objetivos falta ainda contar um pouco sobre a biblioteca da escola que é muito rica em literatura infantil.

Os livros são lindos, modernos, assuntos diversos e as crianças ficam bem à vontade para escolher.

Semanalmente as crianças participam de uma aula de contação de história, realizada pela auxiliar de biblioteca e também com empréstimos de livros. Além desse horário para cada turma, as crianças podem freqüentar a biblioteca na hora do recreio.

Passemos para o projeto, como foi desenvolvido, qual a participação dos pais, das crianças, qual o papel da professora.

2. O PROJETO

Pensamos num projeto que envolvesse a leitura. No caso da turma, ouvir e recontar histórias.

Buscando uma forma de valorizar o desenvolvimento e capacidades das crianças do 1º ano do ensino fundamental, propusemos o trabalho, visando a compreensão da finalidade da leitura e incentivando a ler tanto em casa como na escola.

Os pais receberam uma carta explicando o funcionamento, os objetivos do projeto e como deveriam auxiliar sua criança em casa. Eles deveriam ler para o filho mais de uma vez o livro escolhido e depois ajudá-los, registrando com desenhos ou frases, num caderno especial, sobre o que foi lido.

As crianças escolheram um livro ou outro suporte que contivesse textos de seu interesse para levar para casa.

Por que não selecionamos os livros previamente? Porque o ideal é que as crianças levassem o que realmente fosse do seu agrado. Elas foram orientadas a escolher o livro pelo título, pelo desenho, tipo de letras, ou algum que já tivesse conhecimento e gostaria de lê-lo novamente e contar para os colegas.

Ao ouvir a história em casa, as crianças se prepararam para contar aos colegas da turma, com o apoio e, às vezes, com a nossa intervenção.

Cada um mostrava o seu registro e era fotografado.

Todas as fotografias serão copiadas em CD para presentear as crianças no fim do ano letivo como recordação do projeto.

3. CONSIDERAÇÕES SOBRE LITERATURA E ALFABETIZAÇÃO

Ao chegarem na escola pública, crianças de 5/6 anos podem se sentir perdidas, amedrontadas. Algumas delas advindas de pequenas escolas infantis e outras “diretamente de suas casas”.

Essas crianças se inibem ou se tornam agressivas diante de algumas situações da sala de aula, porque não sabem ou não conseguem falar o que sentem, o que querem. Não falam ou não conseguem falar porque não lhe foi dada atenção suficiente, não lhe foi dada oportunidade para comunicar e transmitir aquilo que sente.

Muitas crianças que chegam no primeiro ano de escolaridade tem dificuldade em compartilhar um espaço em um grupo maior. O olhar e o ouvir são atitudes que vão exigir do professor um desgaste e uma e uma constante “perda” de tempo, mas que significa um sucesso, quando como decorrer dos dias, semanas, a criança adquire alguns hábitos que vão ajudar na hora da leitura e do ouvir.

Como é importante nesta fase da vida da criança, imprescindível, o ouvir e o falar, o compreender e transmitir, o sentir e expressar. Saber ouvir esperando a sua vez de falar, respeitar suas ideias, aceitar os erros, os erros próprios e dos outros.

Se em casa a criança não viveu essas situações, a escola precisa proporcionar essas experiências. Como? Oferecendo oportunidades da criança ouvir, falar, expressar aquilo que ouviu.

Ao ouvir uma história, uma notícia de jornal sabendo que irá contá-la aos colegas, ou ao ajudar alguém a fazer um bolo com uma receita, para contar depois como fazer esse bolo e experimentá-lo, a criança estará compreendendo o porquê da leitura, para que se aprende a ler e a escrever.

Segundo Curto, Morillo e Teixido (2000) nós não escrevemos e nem lemos “porque sim”, mas para resolver alguma necessidade: fazer listas de compras, ver quem falta na aula, enviar uma carta para uma pessoa real, escrever um jornal, aprender sobre um tema, etc.

Não é necessário que a criança aprenda a ler para ter prazer em ler. A decodificação, nesse momento, não é o objetivo, pois ler, implica, sobretudo na habilidade de construir sentidos (Macedo, 2005).

A leitura é uma interação ente sujeito (criança/leitora) e o texto. Essa interação é complexa pois exige que o sujeito reporte às experiências e aos conhecimentos adquiridos.

Portanto, a proposta é que a criança viva esse prazer de ler, de ouvir, tanto em casa, como na sala de aula. É importante que ela perceba que a leitura é uma aprendizagem que vai acompanhá-la por toda a vida, dentro e fora da escola.

Atualmente, sabe-se que a prática da leitura literária pode proporcionar às crianças uma opção de lazer e prazer. Ao ouvir ou ler uma história, a criança poderá encontrar um mundo imaginário ideal para si, onde os acontecimentos e respostas são mais rápidos. Elas são livres para aceitar ou não uma situação vivida pelas personagens dessas histórias. Fantasias são criadas. Enfim, os sentimentos de injustiça, tristeza, medo, insatisfação podem ser mudados com um simples pensamento.

Estudos e pesquisas tem provado que o trabalho com a literatura com crianças em idade pré-escolar, ou no início da alfabetização, auxiliam no desenvolvimento de habilidades de compreensão, interpretação e construção de sentido do textos.

O que se pensava há algumas décadas, é que crianças não alfabetizadas não deveriam ter contato com livros, revistas, leituras que não fossem cartilhas para aprender a ler.

Nos nossos dias, não tão recentemente, estudos apontam que as crianças já chegam na escola com alguma experiência com a leitura e a escrita. Quero atentar que: crianças com experiências simples e corriqueiras, outras, ainda com poucas e despercebidas experiências.

O que chamo de vivências ricas e prazerosas? As crianças que tem ou tiveram a oportunidade de ganhar livros de presente; aquelas que ouviram histórias contadas por alguém; aquelas que ganharam revistas de histórias em quadrinhos, enfim, aquelas que tiveram o prazer de “ler quando ainda não sabiam ler” ou aquelas que foram incentivadas a participar da cultura escrita.

Ainda nos nossos dias, há pessoas que pensam que à escola, cabe a responsabilidade de “ensinar a ler”, incentivar e cultivar o hábito de leitura. Tudo isso pode iniciar em casa, na família, tanto aproveitando as oportunidades do dia a dia ou criando-as.

Também é um fato, que logo que a criança começa a sua vida escolar, espera-se que ela leia e escreva como num passe de mágica, esquecendo ou desconhecendo as várias etapas de seu desenvolvimento.

E tão importante quanto à decodificação, é a compreensão do que se ouve e do que se lê.

Vamos ver o que as crianças são capazes de fazer, quando se sentem motivadas, na apresentação dos trabalhos.

4. APRESENTAÇÃO: RECONTO DAS HISTÓRIAS

Durante a apresentação ou o reconto da história pudemos perceber que algumas crianças, ou quase todas, já possuem algumas habilidades que caracterizam um bom leitor. Alguns com a preocupação de apontar para o que se lê, conhecem a direção da escrita, identificam algumas palavras. Outras conseguem captar a ideia central do texto. As crianças, em sua maioria, já tem atitudes que favorecem a leitura, como ouvir, esperar a sua vez de participar e se interessa por aquele livro sobre o qual está sendo falado.

É bem diferente a experiência de observar crianças contando história para outras crianças. E quando essa criança não sabe ler, essa experiência se torna um exercício de paciência, tanto por parte dos ouvintes quanto por parte de quem orienta, a professora.

Quando um adulto lê histórias, ele procura chamar a atenção dos seus ouvintes com vários recursos. Esses recursos vão dar sentido a essa leitura, que nesse primeiro contato o leitor/ouvinte vai construindo o gostar dessa situação de ouvir, se preparar, entusiasmar-se, e ter motivação para aprender a ler.

Na apresentação do nosso trabalho, que era ler um livro com a ajuda da família e depois contar aos colegas, pudemos observar que as crianças/ouvintes ficavam enfadadas quando a contadora da história não conseguia contar sua história. Por mais que estivessem interessados ou por mais que o livro chamasse a atenção dos pequenos leitores, a história deveria ser contada de forma que prendesse a atenção de todos ou pelo menos da maioria.

E isso não acontecia, pois as crianças ainda não tem essa capacidade, claro, e isso não foi um aspecto negativo ou desestimulador para o trabalho.

Mas quando passávamos a contar a história, havia silêncio, atenção e os olhinhos brilhavam.

Poucas crianças surpreenderam ao usar um tom de voz adequado, que alcançasse os ouvintes. Também um fato interessante é que algumas contaram suas histórias usando um “tom coloquial” como se estivessem lendo o livro.

Um dos objetivos desse trabalho é a compreensão do texto e foi constatado que a maior parte das crianças compreendeu o que lhe foi contado. Algumas não conseguiram contar suas histórias por timidez, falta de incentivo ou ajuda da família. Mas o certo é que todas gostaram desse momento do contar para os colegas e ouvir os colegas, ainda que com a nossa ajuda.

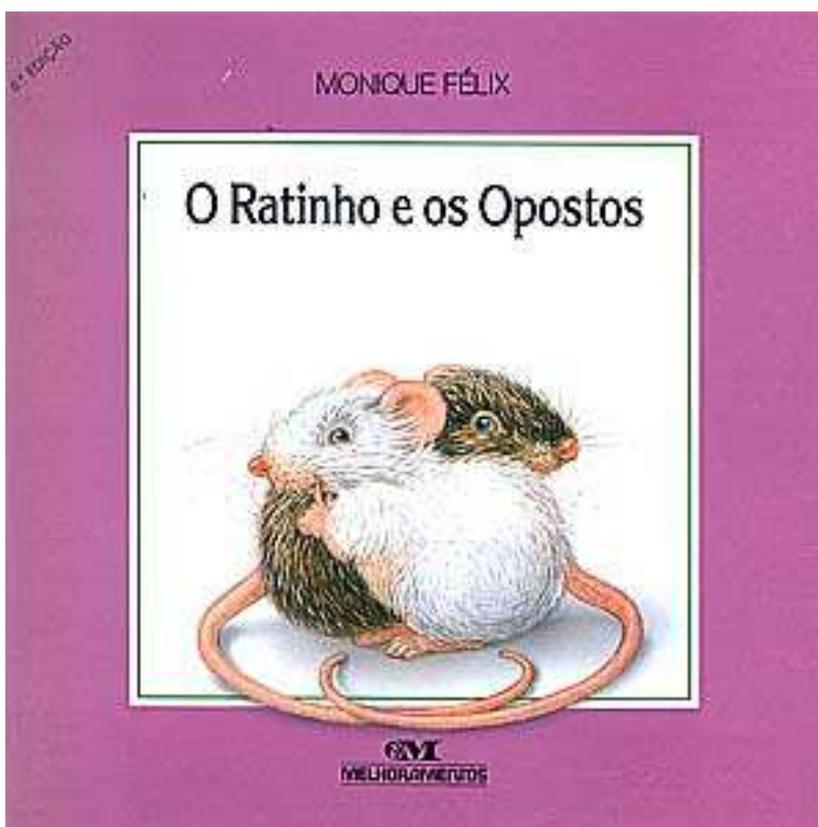
Uma das crianças, um aluno muito tímido, levou para casa um livrinho sem palavras: O ratinho e os opostos, de Monique Félix, da Editora Melhoramentos. O livro é lindo, com desenhos bem sugestivos.

Esse menino, o Matheus, conquistou a atenção de todos da sala, apesar do seu baixo tom de voz. Ele passava as páginas do livro bem devagar e ia contando a sua história

e as outras crianças começaram a participar e conseguiram enxergar uma história que nós não imaginávamos que eles fossem capazes.

Os próprios colegas reconheceram como Matheus estava à vontade para recontar a sua história.

Foi muito bom esse relato e mostra como desde pequeninhos/as nossas crianças devem receber o estímulo para a leitura.



Quando uma das meninas, Suellen, começou a recontar a sua história, parecia uma professorinha. Ela apontava para algumas palavras conhecidas e falava como se estivesse lendo.

Em um pequeno questionário aplicado aos pais, em 50% dos que foram devolvidos, os pais assumiram que não tem o costume de dar livros de presente para os/as filhos/filhas. Outros acham que apenas ajudando no para casa estão incentivando a ler.

Mesmo recebendo poucos estímulos externos, as crianças demonstraram satisfação, compreenderam a proposta de trabalho e participaram do relato e do registro sobre a história. Muitos se empenharam e demonstraram sua capacidade de compreensão.

É claro que esse trabalho é um começo, pois para se tornar um leitor, o processo é longo. E cada criança é motivada por estratégias diferentes, que nem mesmo o professor sendo um leitor competente, irá conseguir alcançar a todas com a mesma proposta.

5. CONCLUSÃO

Embora a literatura esteja presente na tradição escolar, sabemos que é uma prática muito tímida e a leitura não é somente a decifração do código, mas a “leitura é algo capaz de provocar mudanças, para lá do mero entretenimento que, no entanto, é fundamental para atrair e animar o contato primeiro de iniciante, como a criança, com o livro” (Cademartori, 2009).

Não estamos abandonando o código. Queremos ressaltar que, o decifrar os sinais gráficos, a compreensão e a construção de sentidos devem caminhar juntos.

Esse trabalho, embora simples, evidenciou que, na prática, não é fácil formar hábitos de leitura e, mais difícil ainda, é tentar transformar cidadãos em leitores competentes. No entanto, pudemos também comprovar que não é necessário dispor de meios sofisticados ou de tecnologia avançadas para que crianças aprendam a gostar de ouvir histórias, aprendam a gostar de livros e queiram ir a uma biblioteca pegar um livro emprestado.

A dificuldade de despertar em alguém o interesse pela leitura não se concentra nos meios e metodologias e sim na constância e persistência de um trabalho cotidiano e contínuo, que infelizmente é delegado somente à escola.

Porém, isso não significa que a escola não tenha que assumir a sua responsabilidade no ensino da leitura. Esse ensino pode ser pautado por uma prática social significativa que, ao valorizar a cultura escrita, promove um enriquecimento das referências sociais e culturais.

Devemos pensar também, que nem todos os professores tiveram oportunidades ou condições de se desenvolverem como leitores. Esse é mais um obstáculo que a escola enfrenta para fazer um trabalho eficiente e envolvente para atrair as nossas crianças para o mundo da leitura e da literatura. Nós, professores somos aqueles que devem buscar as estratégias, os materiais, os livros que vão favorecer o contato, a relação e o interesse pela leitura.

Então se não somos leitores, se não tivemos uma formação de leitores na infância, seja por fatores sociais, culturais ou econômicos, busquemos uma forma de trabalho que favoreça às nossas crianças experiências melhores do que as nossas.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CADEMARTORI, Lígia. Uma voz que só você possa escutar. In: _____. **O professor e a literatura – para pequenos, médios e grandes**. Belo Horizonte. Autêntica Editora, 2009, p. 17-25.

CURTO, Lluís Maruny ET AL. Ideias infantis sobre a leitura. In: _____. **Escrever e ler. Como as crianças aprendem e como o professor pode ensiná-las a escrever e a ler**. São Paulo. Artmed, 2007, p. 43-47.

KOCH, Ingedore Villaça, ELIAS, Vanda Maria. Leitura, texto e sentido. In: _____. **Ler e compreender – os sentidos do texto**. São Paulo. Editora Contexto, 2007, p. 9-37.

SOARES, Magda. Alfabetização e literatura. **Revista Educação – Guia da Alfabetização**. São Paulo, n 2, p. 12-29, 2010.